

A educação cooperativa numa perspectiva marxista

Antônio Inácio Andrioli*



Fonte: <http://caminhosdamemoria.files.wordpress.com/2009/03/hipolitob.jpg>

O materialismo dialético, como superação da oposição entre idealismo e materialismo, influenciou substancialmente a pesquisa em educação. Ao invés de entender que a consciência precisa ser modificada para mudar a sociedade ou, por outro lado, absolutizar a tese de que é necessário mudar as condições materiais para mudar a consciência, na teoria marxiana ambas as teorias encontram seu momento de síntese. A cooperação está presente nos diversos povos em todas as épocas. Mas, qual é a explicação para a atitude cooperativa dos seres humanos? Partimos do entendimento de que são as necessidades concretas vivenciadas pelos seres humanos que registram o advento do trabalho cooperativo e da educação. Nesse sentido, utilizamos o trabalho como categoria teórica para relacionar a educação com a cooperação, adotando a produção como base da humanização e da aprendizagem.

1. Cooperação e educação

A atividade produtiva é sempre social e a sociabilidade, se entendida como um processo humano, não ocorre por

instinto, mas por relações intencionalmente construídas. É a necessidade que gera a relação cooperativa entre os seres humanos. Ou seja, quando o ser humano se torna consciente de sua incapacidade de resolver individualmente um problema, a tendência é solicitar o auxílio de seu semelhante. Grupos humanos, percebendo sua fraqueza diante de uma adversidade, se unem para resolver problemas que lhes são comuns. A explicação adotada segue a lógica de que são os problemas concretos vivenciados pelos seres humanos que constituem a base da ação solidária e não a consciência de um “dever-ser” de sociedade idealizada ou apelos de generosidade, pena e caridade humana que motivam a atitude cooperativa.

A razão do ato cooperativo está na dificuldade, na dependência, na insuficiência do agir individualizado para a satisfação das necessidades mais ou menos imediatas. Isso não significa abandonar a idéia de que os seres humanos, quando organizados em cooperativas, cultivam uma utopia de que é possível construir uma sociedade

em que não haja exploração, injustiças sociais e dominação. O que afirmamos é que a centralidade não está meramente no ideal, mas na necessidade concreta de organização. De acordo com Marx, “não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência”¹.

O cooperativismo é decorrente de uma necessidade humana comum e da consciência de superação conjunta de problemas, com vistas à obtenção de benefícios aos que cooperam. Para que ocorra o cooperativismo, portanto, são necessárias condições objetivas e subjetivas. A condição objetiva é a situação vivenciada geradora de problemas; a condição subjetiva é a tomada de consciência de que os problemas são comuns e de que, com a união, é possível superá-los, proporcionando vantagens mútuas. O processo de tomada de consciência e de organização é educativo, gerando conhecimento e sociabilidade.

A atividade educativa, como processo de humanização, mostra a necessidade que temos de nos relacionarmos com as outras pessoas para nos tornarmos humanos. O trabalho do educador, que se educa com sua prática educativa, é perguntar sobre a finalidade do que é humano e construir consciências que possam, livremente, optar e se responsabilizar pelas suas ações. Para Gramsci, o papel da educação é exatamente esse: organizar a cultura humana².

Assim, como as estruturas sociais são criações humanas, a educação, imersa nesse “caldo cultural”, absorve a carga ideológica da tradição e atribui

significados a tudo o que herda da sociedade. Podemos afirmar que a educação está fundada no meio social onde ela atua e por isso não é neutra: pode atuar como reprodutora do meio ou contribuir para a sua superação.

A prática social da educação é geradora de consciências e a formação da cultura humana é o que mantém ou transforma a estrutura da sociedade. Tanto a educação como a cultura são produtos históricos da ação humana e formam o que conhecemos por consciência, o resultado social da relação da humanidade com o ambiente e da relação desse ambiente transformado e reproduzido pelas diversas gerações com as gerações futuras. É a cultura que forma a história humana e essa tradição serve de ponto de partida para a vivência da humanidade em determinado período histórico que, com sua ação diferenciada, pode construir um novo rumo à história. A história da humanidade é, portanto, a base da educação e da cultura. Marx explica esse processo da seguinte maneira:

A história nada mais é do que a sucessão de diferentes gerações, cada uma das quais explora os materiais, os capitais e as forças de produção a ela transmitidas pelas gerações anteriores; ou seja, de um lado prossegue em condições completamente diferentes a atividade precedente, enquanto, de outro lado, modifica as circunstâncias anteriores através de uma atividade totalmente diversa.³

O lugar da educação, conforme Gramsci, se constitui para além da escola formal, nas diferentes formas de ação coletiva dos seres humanos. No espaço não-formal, aquele que apresenta uma intencionalidade, mas não se dá no espaço formal da escola, a

¹ Karl Marx. *A ideologia alemã*. São Paulo, Grijalbo, 1977, p.37.

² Antônio Gramsci. *Os intelectuais e a organização da cultura*. São Paulo, Círculo do livro, 1981.

³ Marx, op. cit., p. 70.

educação é uma prática social. A educação, portanto, depende do trabalho social. O cooperativismo e a educação são práticas sociais e, em consequência, ambos são espaços de poder na sociedade. Tanto o cooperativismo como a educação surgiram como produtos sociais decorrentes de necessidades humanas. O cooperativismo é posterior à prática da cooperação, assim como a escola é mais recente que a educação.

A cooperação e a educação estão presentes em todas as comunidades humanas e a forma como hoje são estruturadas é resultado da ação histórica da humanidade. Como fazem parte da cultura humana, ambas não possuem um local de início definido e permanecem inacabadas, assim como a própria história humana. A capacidade de aprender, condição para a educação, é decorrente de necessidades humanas, do conjunto de desafios que as mulheres e homens encontraram para resolver problemas da sua vida. Assim, podemos afirmar que o início da aprendizagem humana procede do ato cooperativo inicial em que, diante de problemas concretos vivenciados, os seres humanos foram capazes de encontrar soluções e reconstruí-las através de seus coletivos. A aprendizagem é um processo cooperativo e a cooperação volta a ser um permanente processo de aprendizagem: a prática social da convivência humana.

1.2. O trabalho como categoria central para a educação

Diante das possibilidades de expansão e planejamento das necessidades que o ser humano encontrou em sua história, surgiu uma característica interessante e que também o diferencia dos animais: a capacidade de produzir seu próprio alimento. Isso é fruto do desenvolvimento histórico da cultura

humana, visto que há registros de que determinados povos viviam apenas da coleta de alimentos. Mas, mesmo a coleta já constitui um diferencial importante, pois exigia um planejamento, uma localização estratégica da moradia, uma organização para que ela efetivamente acontecesse e pudesse alimentar uma comunidade. Além disso, após a coleta, os antigos povos já procediam uma significativa transformação da matéria natural para adequá-la à alimentação humana, ou seja, a natureza é transformada em produto, resultado da ação humana.

É isso que, em termos gerais, Marx e Engels entendem por trabalho produtivo. “Segundo Marx, a expressão ‘trabalho produtivo’ pode ter duas acepções diferentes. Em sua determinação geral, designa todo e qualquer trabalho que tenha por resultado um produto”⁴. Podemos afirmar que, desde a coleta ou da produção de alimentos, como após a revolução agrícola, em todas as atividades humanas está presente o trabalho. E, conforme Marx, somente os seres humanos trabalham:

Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colméias. Mas, o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera⁵.

⁴ Maria Alice Nogueira. *Educação, saber, produção em Marx e Engels*. 2. ed. São Paulo, Cortez, 1993, p 89-90.

⁵ Karl Marx. *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo, Nova Cultural, 1988, p. 142. Esta afirmação de Marx, parecendo colocar

Segundo definição de Nicola Abbagnano, o trabalho “é a atividade cujo fim é utilizar as coisas naturais ou modificar o ambiente e satisfazer as necessidades humanas”⁶. Na relação do ser humano com o meio, podemos constatar, portanto, uma interferência, uma potencialidade de transformação, e não uma mera adaptação. Essa relação de produção que o ser humano estabelece com a natureza, através do trabalho, não só transforma o meio em que ele vive, mas a si mesmo.

Marx e Engels colocaram o trabalho produtivo no centro de suas formulações teóricas, incluindo as pedagógicas, porque, para eles, o trabalho é a chave de compreensão da realidade. Explica-se o homem pelo trabalho. O

o pensamento anterior à prática, não seria contraditória com sua opção materialista? É que, com a formulação da teoria da práxis, Marx superou a visão materialista de Feuerbach, que entendia a consciência como mero reflexo da materialidade, ao incorporar o pensamento dialético de Hegel. Ao mesmo tempo, Marx recusou o idealismo hegeliano, para o qual a realidade era determinada pelo pensamento. Para Marx, a consciência tem sua origem na prática, no contato com a realidade concreta, porém vai se constituindo da maneira autônoma e não-determinada, o que permite dizer que a realidade e o pensamento possuem gêneses distintas, embora mutuamente implicadas. Ao operar dialeticamente, a consciência humana é capaz de planejar, criar, pensar para além do mundo imediato. Através da ação e da reflexão sobre sua ação, o ser humano constrói a consciência, transformando o mundo e a si mesmo através do trabalho. Por isso, os animais não trabalham, pois não possuem a capacidade de refletir sua ação e a si mesmos. “Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. (...) Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza” (Idem, ibidem, p. 142).

⁶ Nicola Abbagnano. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo, Martins Fontes, 1998, p. 964.

homem chega a ser homem em virtude dessa atividade chamada trabalho. Por ela, o homem produz a sociedade e produz a si mesmo. O trabalho constrói-educa, constituindo-se no princípio da vida e da “escola”. Daí por que, em Gramsci, vida-escola formam uma unidade orgânica.⁷

Para Hegel, o trabalho “é a mediação entre o homem e seu mundo”, pois, ao invés de consumir imediatamente o que há na natureza, o ser humano reelabora e transforma as coisas de acordo com os fins que planeja e, nessa atividade, produz a si mesmo⁸. Marx, que colocou no trabalho a centralidade de seus estudos na filosofia, afirma explicitamente em sua obra *Ideologia Alemã*, que os seres humanos se distinguem dos animais através do trabalho, a partir do momento em que produzem seus meios de subsistência, o que é uma exigência tipicamente material, da sua constituição física.

O primeiro ato histórico destes indivíduos, pelo qual se distinguem dos animais, não é o fato de pensar, mas o de produzir seus meios de vida (...) Tal como os indivíduos manifestam sua vida, assim são eles (...) O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção.⁹

Marx explica que a produção e o trabalho constituem o próprio ser humano, seu modo específico de ser e

⁷ Antônio Tavares de Jesus. *O pensamento e a prática escolar de Gramsci*. Campinas, Autores associados, 1998, p. 61.

⁸ Diferente de Marx, em Hegel o pensamento sempre é anterior à ação e, por isso mesmo, determinante da realidade, e não o seu contrário. O trabalho apenas vem a confirmar o que já estava “pronto” enquanto idéia. Esse é o princípio idealista combatido por Marx ao construir a síntese da dialética com o materialismo.

⁹ Marx. *A ideologia alemã*, cit., p. 28.

de fazer-se humano. Pelo trabalho, a natureza torna-se “o corpo inorgânico do homem”, e o ser humano pode ascender à consciência de si mesmo, não tanto como indivíduo, mas como espécie de natureza universal. Em *O Capital*, o trabalho é apresentado como condição de existência humana:

Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana.¹⁰

A aprendizagem e o trabalho produtivo são decorrência de necessidades concretas que o ser humano vivenciou na história e constituem os elementos centrais da construção da cultura e do próprio sentido do humano. Produzindo a si mesmo, o ser humano aprendeu a construir cultura e o caráter histórico dessa aprendizagem revela sua natureza de inacabamento.

Em Marx o caráter coletivo do trabalho diverge de Hegel, quando entende que o trabalho cria uma relação material (e não espiritual) do ser humano com o mundo e com os outros. No Posfácio da segunda edição de *O capital*, Marx explica sua grande divergência com Hegel:

Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de idéia, transforma num sujeito autônomo, é o demiurgo do real que constitui apenas a sua manifestação externa. Para mim, pelo contrário, o ideal não é nada mais que o material, transposto na cabeça do homem.¹¹

¹⁰ Marx, *O Capital: crítica da economia política*, cit., p. 50.

¹¹ Idem, *ibidem*, p. 26.

Ao invés de considerar o trabalho como uma manifestação da consciência, a consciência é resultante do trabalho na história e, acrescenta ainda, que é uma prática social. Coerente com sua análise da sociedade capitalista, Marx argumenta que essa análise do processo de consciência, anunciada em favor do trabalho, só serve quando não há alienação do trabalho. Com o trabalho explorado, a serviço do capital, ele se converte em trabalho abstrato, como produtor de valor de troca e se manifesta diante do trabalhador como algo estranho a ele mesmo. Com isso, o que seria o processo de humanização se transforma em dominação, pois o ser humano perde o controle de sua própria ação em relação ao mundo e com os outros. O que resta é o fetiche que a mercadoria lhe impõe.

O trabalho concreto, entretanto, como constituinte do ser humano, possui um caráter coletivo e se expressa na natureza de sua ação. Com o trabalho foram criadas as condições da sociabilidade humana, pois, através dele, o ser humano se tornou um ser social. No decorrer da história, a humanização passou a coincidir com a sociabilidade, ou seja, com o conjunto das relações sociais que os seres humanos estabelecem entre si durante a produção da sua vida. Através do trabalho, e com a socialização dos seus frutos, a humanidade constrói o mundo e a si mesma. Embora, por vezes, possa parecer algo individual, cada ação humana está integrada à história da humanidade, à sua tradição que, por vezes, a condiciona. Mas, ao mesmo tempo, atividade humana permite e dá condições para a própria superação do condicionamento. A matéria dada é a condição da tradição, porém, o inacabamento do ser, e sua contribuição única e original através do trabalho, transforma o mundo e a si mesmo e, por

consequência, todo o gênero humano: a humanidade.

1.3. A pedagogia da práxis cooperativa

A aprendizagem, assim como o trabalho, estão diretamente ligados à formação da consciência humana. As relações sociais decorrentes do trabalho produtivo é que constroem a consciência humana. Nas relações sociais de produção, um ser humano, confrontando-se com outro, na sua interação, percebe sua própria identidade e, com sua presença, contribui na descoberta da identidade do outro.

O homem não vem ao mundo nem com um espelho, nem como um filósofo fichtiano: eu sou eu, o homem se espelha primeiro em outro homem. Só por meio da relação com o homem Paulo, como seu semelhante, reconhece-se o homem Pedro a si mesmo como homem. Com isso vale para ele também o Paulo, com pele e cabelos, em sua corporalidade paulínica, como forma de manifestação do gênero humano.¹²

A prática cooperativa está relacionada à organização do trabalho produtivo, que está ligado à aprendizagem e ao processo de formação da consciência humana. A prática cooperativa se constitui num espaço de educação, tendo por referência a construção do conhecimento, com vistas à humanização a partir do trabalho. A prática cooperativa de pessoas que, trabalhando, produzem e, ao mesmo tempo, produzem a si mesmas, constrói conhecimento e humaniza. Assim, o cooperativismo, se entendido como prática de trabalho coletivo, é um espaço de educação, ou melhor, está

alicerçado no princípio educativo do trabalho.

O modo como o conhecimento é construído e reconstruído baseia-se na práxis, um processo dialético de relação entre teoria e prática, que, gerando novas teorias, propicia novas práticas. É um movimento de constante ação e reflexão, reflexão da ação e ação a partir da reflexão, num trabalho contínuo, dinâmico e ininterrupto.

Os homens são seres da práxis. São seres do quefazer, diferentes, por isto mesmo, dos animais, seres do puro fazer. Os animais não “admiram” o mundo. Imergem nele. Os homens, pelo contrário, como seres do quefazer “emergem” dele e, objetivando-o, podem conhecê-lo e transformá-lo com seu trabalho.¹³

O ponto de partida é a prática, portanto, a experiência humana. Considerando o trabalho como a ação pela qual o ser humano se reconhece a si e transforma o mundo, o conhecimento tem sua base na relação sujeito-mundo. Na reflexão sobre a atividade criadora se dá a aprendizagem, como relação fundante do conhecimento, que só é possível no confronto com a realidade objetiva.

São Marx e Engels que dão suporte a esta conclusão, quando afirmam ser a práxis o fundamento do conhecimento, posto que o homem só conhece aquilo que é objeto ou produto de sua atividade e porque atua conhece praticamente, o que conferirá materialidade ao pensamento. A verdade objetiva, dizem os autores, enquanto concordância entre pensamento e realidade, não é um problema que se possa resolver teoricamente pelo confronto entre diferentes pensamentos; a verdade só se constituirá a partir da relação entre

¹² Idem, ibidem, p. 57.

¹³ Paulo Freire. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, p. 121

pensamento e realidade, e só assim será prático.¹⁴

Para Kosik, em sua obra *Dialética do concreto*, o reconhecimento do primado da prática na construção do conhecimento é uma ruptura essencial com o idealismo da filosofia pré-marxista. Sem a prática, sequer existiria a teoria, a criação intelectual. Segundo o autor, só criamos reproduzindo e, reproduzindo, criamos novamente: esse é o movimento fundamental da dialética:

Conhecemos o mundo, as coisas, os processos somente na medida em que os “criamos”, isto é, na medida em que os reproduzimos espiritualmente e intelectualmente. Essa reprodução espiritual da realidade só pode ser concebida como um dos muitos modos de relação prático-humana com a realidade, cuja dimensão mais essencial é a criação da realidade humano-social. Sem a criação da realidade humano-social, não é possível sequer a reprodução espiritual e intelectual da realidade.¹⁵

A pedagogia da práxis assume a educação como um espaço de poder e a construção do conhecimento como momento importante para a transformação social. Por isso, permanece coerente com a tradição marxista. Para Marx, a mudança social não ocorre unilateralmente pela tomada de consciência dos trabalhadores ou somente pela mudança das condições objetivas, mas, através a síntese das duas situações:

Se por um lado, é preciso uma mudança das condições para criar

um sistema de instrução novo; por outro lado, é preciso um sistema de instrução já novo para poder mudar as condições sociais. Por conseguinte, é preciso partir da situação atual.¹⁶

A conscientização decorre da prática, das necessidades imediatas que precisam ser resolvidas. É assim que surge a necessidade da organização cooperativa. A construção da consciência humana é um processo em constante movimento. Mesmo assim, é possível conceber algumas formas diferenciadas no processo, não de maneira estática, mas pela própria dinamicidade de seu desenvolvimento, baseado em contextos históricos e culturais diferenciados da vivência dos sujeitos. O ponto de partida, entretanto, é a prática, as relações entre si e com a natureza, que os seres humanos vivenciam e que passam a ser interiorizadas como representações mentais de uma realidade objetiva e concreta.

Essa compreensão é um dos pressupostos mais contundentes do materialismo dialético: a afirmação de que a prática antecede à representação abstrata de si mesma. A origem desta concepção está fundamentada em Marx que, com a teoria da práxis, superou tanto o materialismo mecânico de Feuerbach, como o idealismo de Hegel, ao explicar que ambos os paradigmas anteriores não davam conta da explicação do complexo fenômeno do conhecimento humano. Se, para Feuerbach, bastava a representação mental do mundo material para conhecer, para Hegel, a forma de pensar era confundida com a realidade em si, determinada pelo pensamento.

¹⁴ Gaudêncio Frigotto. Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século. Petrópolis, Vozes, 1998, p. 58.

¹⁵ Karel Kosik. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, p. 226-227.

¹⁶ Karl Marx e Friedrich Engels. *Crítica da educação e do ensino*. Lisboa, Moraes Editores, 1978, p. 224.

Em Feuerbach, Marx contesta a simplificação do processo cognitivo, afirmando que, ao abstrair diretamente o material, o ser humano se ilude, concebendo como conhecimento a visão fragmentada do real. Em Hegel, Marx compreende o processo de abstração, valorizando a dialética como forma de pensar, mas contrapõe ao idealismo a afirmação do concreto, com uma gênese própria e distinta do pensamento:

O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens, aparecem como emanção direta de seu comportamento material (...) A consciência jamais pode ser outra coisa do que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real.¹⁷

A primeira manifestação da consciência, de acordo com o materialismo dialético, portanto, é a relação do ser humano com a realidade objetiva, a base do trabalho. O sujeito percebe o mundo através das relações que estabelece com a realidade objetiva, abstraindo o concreto de maneira aparente e fragmentada. Por isso, Marx considera essa primeira apropriação como alienada, pois o sujeito considera como natural e dado o que se manifesta como fragmentado e condicionado pelo contexto histórico-cultural da humanidade. Sendo a consciência a interiorização das relações vividas, o ser humano tende a generalizar o que percebe como parte e a aceitar essa primeira forma de conhecimento como apropriação do real. Nessa base, criada pela percepção, está o “terreno fértil” para a aceitação da ideologia, das relações materiais concebidas como idéias, através das mais diferentes instituições com que o indivíduo, desde a infância, começa a conviver: a família, a escola, a igreja, o trabalho, etc.

Ao relacionar-se com a natureza, os seres humanos relacionam-se entre si e modificam suas formas de convivência, construindo sua personalidade. A consciência de si mesmo depende da consciência do outro e é na relação cooperativa que ambos se encontram numa relação de conhecimento mútuo. A prática cooperativa gera rupturas nas relações que impedem a convivência e, com a tomada de consciência da contradição, podem ser gestadas novas formas de cooperação. É esse o processo de vivência do conceito cooperação, em que é necessário tornar consciente o real, para construir o desconhecido. As novas formas de convivência são fruto da vivência da cooperação e não resultado de uma projeção ideal a perseguir, desconsiderando as relações conflituosas da prática. É esta a compreensão de educação cooperativa que apresentamos aqui como enfoque teórico coerente com o marxismo: o ser humano aprende produzindo.



* **ANTÔNIO INÁCIO ANDRIOLI** é Doutor em Ciências Econômicas e Sociais pela Universidade de Osnabrück – Alemanha. Professor do Mestrado em Educação nas Ciências da UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e do Instituto de Sociologia da Universidade Johannes Kepler de Linz – Áustria.

¹⁷ Marx, *A ideologia alemã*, cit., p. 36, 37.